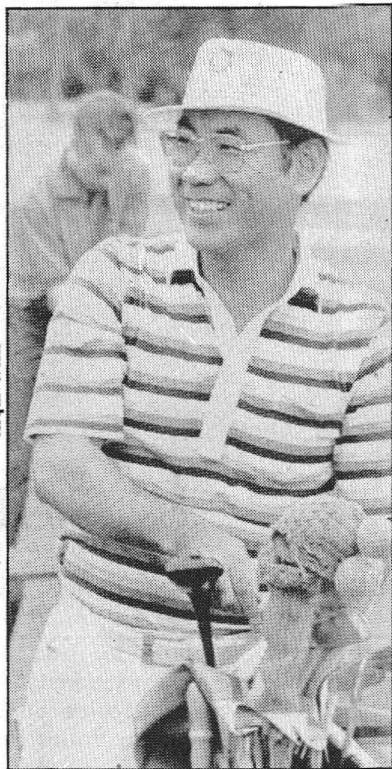


# Apesar das incertezas, empresas estrangeiras anunciam mais inversões.

O Brasil ainda não é um risco crítico demais para as grandes empresas multinacionais. Prova disso é o plano de US\$ 1 bilhão de investimentos da Autolatina até 1992, os US\$ 500 milhões que o grupo Dow aplicará nos próximos dez anos para duplicar seus negócios no País e até os US\$ 300 milhões projetados pela Bayer para os próximos cinco anos — que ainda aguarda acenos favoráveis do novo governo. No entanto, a maior parte das empresas estrangeiras ainda não sente o chão muito firme para decolar novos projetos de grande porte.

“Com essa conjuntura econômica confusa, o Brasil por enquanto não tem condições de receber novos investimentos japoneses de vulto”, afirma Toshiro Kobayashi, presidente da filial brasileira do Banco de Tokio. No início do ano, uma missão japonesa fez uma visita ao País com a incumbência de diagnosticar a situação. O relatório da missão acaba de chegar ao banco e, segundo Kobayashi, aponta o Brasil como um dos melhores locais para investir.

“Se a economia se abrir, muitas empresas japonesas virão. Mas, por enquanto, aguarda-se novas perspectivas”, resume o presidente do Banco de Tokio. Ele aponta como restrições as próxi-



Arquivo/AE

*Kobayashi: japoneses esperam por definições.*

mas eleições presidenciais, controle de preços, discriminação contra o capital estrangeiro, instabilidade social e política etc.

Entraves como esses limitaram os investimentos de empresas japonesas no Brasil em US\$ 5,5 bilhões até o primeiro semestre de 1988 — apenas 3,3% do total de

US\$ 162,2 bilhões aplicados até então pelo Japão no Exterior. Apesar da conjuntura desfavorável, contudo, números oficiais indicam investimentos de US\$ 175,08 milhões no Brasil no primeiro trimestre de 1989 (contra US\$ 510,3 milhões em 88).

As empresas norte-americanas também recomecem a enviar observadores ao Brasil, revela John Mein, vice-presidente da Câmara Americana de Comércio em São Paulo. Essa movimentação, porém, ainda não resultou em novos capitais de risco. “Há apenas reinvestimentos de lucros gerados aqui”, observa Mein.

Reinvestimento ainda é a tendência das indústrias químicas alemãs, conforme o departamento econômico da Câmara de Comércio Brasil-Alemanha. Com aplicações acumuladas de US\$ 5,3 bilhões até dezembro de 1987, as empresas alemãs preferem, no Brasil, as áreas de veículos/autopartes, mecânica, metalurgia, química e farmacêutica.

Um exemplo típico de desânimo com o Brasil é o dos italianos. Com US\$ 1,08 bilhão investidos no País até 30 de setembro de 1988, as empresas italianas vêm retraindo seus negócios no País desde 1983 e, nos primeiros nove meses do ano passado, reinvestiram somente US\$ 5,12 milhões.